

PARALAXE, OU QUANDO O REAL PARECE TORNAR-SE MENTE EM PSICOLOGIA

Edgar de Gonçalves Pereira

Professor no Departamento de Psicologia da Universidade Lusófona
de Humanidades e Tecnologias

A paralaxe, do grego *parállaxis*, ou a deslocação da posição aparente dos corpos, devido às mudanças de posição dos observadores, é talvez o fenómeno físico que em si melhor metaforiza muito do que se passa na psicologia; o título impõe assim a necessidade de aprofundamento, mas pretende simultaneamente, prestar homenagem e manter um esforço de continuada e necessária divulgação: Homenagem, a esse que foi talvez, o mais proeminente e promissor psicólogo depois de Sigmund Freud, e a quem devemos as mais fecundas e úteis contribuições para a análise científica comportamental: Burrus Frederick Skinner; esforço de divulgação porque, pretendendo a “psicologia” entender melhor o homem, ela vem fazendo um progresso que não escapa facilmente ao suporte que parecem permitir os construtos, ou construções conceptuais teóricas de difícil operacionalização, envolvendo-se na necessidade de respostas prontas e utilizáveis, em limites e objectos que não são os seus, mas os objectos mentais dos seus próprios pensadores; coloca-se em consequência e variadas vezes, acimentando distâncias e fossos em relação aos fenómenos que pretende atingir, e por esse facto tem-lhe sido difícil estar sujeita a uma apreciação e discussão abertas.

Todos os diversos fenómenos nos quais a psicologia se revê, estendem-se por sectores muito vastos do espectro do funcionamento humano, havendo espaços comuns de fronteira com outras ciências, de entre as quais se destacam em particular as de natureza biológica e as de natureza social, como a antropologia e a sociologia. Mas os seus conhecimentos ao transcenderem o próprio homem, entrelaçam-se sempre nas questões filosóficas mais antigas, anteriores e actuais, ou as questões de qual o seu objecto de estudo e o porquê dos acontecimentos que tornam esse homem e os outros seres, quando se tem em conta a escala zoológica, uma fonte inesgotável de fenómenos de difícil resposta, ou sem resposta.

Não tem pois uma definição de campo facilmente delimitável, e o seu objecto de atenção carece de uma natureza consistente, apesar de a ter em certa medida.

A necessidade de uma maior precisão sobre esse objecto de estudo devido à sua particular natureza, e uma das maneiras facilitadoras de tornar compreensível esta preocupação fundamental, ter referida num exemplo hoje conhecido, de um “caso clássico”, retirado de um estudo de Houghton e Ayllon (1965, pgs. 94-98). Tratava-se então de uma pessoa com perturbações comportamentais cobertas e abertas, diagnosticada como esquizofrénica, de cinquenta e quatro anos de idade e hospitalizada já há vinte e três anos. Um dos comportamentos que mais se evidenciou para os investigadores que a observavam, era o segurar e o uso de uma escova de cabelo. Durante alguns dias, esta cliente começou a trazer uma escova consigo, fosse para onde fosse, e dormia com ela perto de si. Este comportamento particular, embora não se pretendesse negar todo um conjunto de sintomatologia que o acompanhava, constitui o ponto de partida para tornar visíveis os cuidados de uma perspec-

tiva científica nas concepções comportamentais. Porque teria esta cliente passado a trazer consigo continuamente esta escova de cabelo? Alguns dos problemas centrais nesta análise eram a causa deste comportamento, os modos de o alterar, pois que o escovar muito frequente não é um comportamento desejável nem aceitável de um ponto de vista social, e eventualmente, o interesse de determinar se este comportamento poderia vir a manifestar-se de futuro, não em termos absolutistas, mas com certa previsibilidade.

À psicologia põem-se desde já e até agora, três objectivos de resposta tendo em conta este particular comportamento: *Explicá-lo, controlá-lo, e prever* a sua ocorrência posterior. A explicação, predição e o controlo, constituem no seu todo os objectivos científicos e não se trata de coincidência que sejam também as metas que caracterizam a *modificação do comportamento* como área da psicologia comportamental aplicada, ou a análise científica do comportamento.

As especulações sobre as causas do comportamento muito frequente de apreensão e escovagem podem naturalmente variar desde as conjecturas teóricas mais abstractas às mais fisicalistas no sentido de orgânicas; desde as mais assentes em modelos testáveis, às mais especulativas e metafísicas ou até cósmicas. Tenham-se em conta, no entanto duas respostas “padrão” de dois profissionais depois de Ayllon (1965) lhes ter pedido que observassem esta sua cliente. Um deles explicou deste modo: *A escova representa para esta cliente algum elemento significativo de percepção no seu campo de consciência...é certamente uma forma de comportamento estereotipado tal como é habitualmente visto em esquizofrénicos com grandes regressões e é muito semelhante ao modo como as crianças recusam ser separadas de um brinquedo muito favorito, etc., (pág.97)*. O outro, avaliou assim o comportamento da cliente: *O seu deambular constante e compulsivo seguindo uma escova da maneira como o faz, pode ser visto como um procedimento ritualizado, uma acção mágica. Quando a regressão conquista o processo associativo, formas primitivas e arcaicas de pensamento controlam o comportamento. O simbolismo é um modo de expressão predominante de desejos insatisfeitos profundamente enraizados, e de impulsos instintivos. Pela magia, ela controla os outros; os poderes cósmicos estão ao seu dispor e os objectos inanimados tornam-se criaturas com vida própria. O seu escovar repetitivo podia ser então: 1. Uma criança que lhe dá o seu amor e a quem ela retribui a sua devoção; 2. Um símbolo fálico; 3. O ceptro de uma rainha onnipotente (pág.97-98)*.

Ambas as interpretações dão um significado simbólico ao uso excessivo da escova, apesar de haver entre elas, uma com interpretação mais abstracta ainda. Ambas vão para além dos próprios comportamentos observados e fazem o enquadramento desse comportamento como que num nível secundário de interesses e de compreensão. O uso excessivo da escova é imediatamente concebido como sendo uma expressão de problemas mais profundamente enraizados de natureza

instintiva, ou de desejos não realizados. Nenhuma das interpretações deixa de ter em conta o *comportamento*, ou seja, a interpretação permite consolidar o que a pessoa tem (?), ... a partir do que a pessoa faz!

Poder-se à dizer que qualquer destas hipóteses, ou até ambas, estão correctas no sentido de pretenderem descrever o real com uma aproximação satisfatória. Mas de um ponto de vista científico, a não ser que, e até que, a exactidão destas asserções possa ser testada, nada mais existe do que duas hipóteses com carácter técnico, eventualmente com sentido.

Por via deste problema e ao encerrar em si muito mais de invisível e de impermanente do que sustentáculo credível para se ir mais além de um modo significativamente útil, a psicologia tem pago desvios em relação aos seus próprios métodos de estudo. Só muito paulatinamente começa a atender às afirmações menos especulativas sobre o funcionamento da vida animal, racional e/ou irracional, acabando por servir com dificuldade os seus objectivos, apesar de vir fomentando e produzindo um volume de asserções, mais ou menos pressupostas, outras desmontadas de um complexo de acontecimentos, mas quase todas elas, com pouco mais que a possibilidade de nos entusiasmar emocionalmente devido às consequências gratificantes ou auto-reforçantes que provocam. Um dos seus alicerces mais frágeis tem sido a produção de especulações acerca das causas do comportamento e como consequência, a orientação das acções para, a partir das especulações se tentar modificar os comportamentos dos organismos em estudo. Etiquetar um comportamento como *primitivo, simbólico* ou *esquizofrénico*, não explica, não deixa predizê-lo ou controlá-lo com mais e melhor exactidão.

Em termos mais generosos, o processo de fazer psicologia pode ser entendido como uma contínua procura de “ordem” e de “relações”; procura-se nela descobrir, descrever e utilizar relações sujeitas regularmente aos mesmos efeitos, para que possam ser entendidos os seus princípios fundamentais, seja ao nível mais molecular ou a um nível muito mais amplo ou molar. Assim, são por regra tidas como essenciais a esse processo de descoberta, descrição e utilização, a classificação ou agrupamento dos diversos acontecimentos de limite infinito e virtualmente em termos de duas categorias infundáveis: As variáveis independentes e as variáveis dependentes. É esta relação mais ou menos previsível de variáveis, e a descrição que se faz delas com a linguagem científica como veículo dos conhecimentos trocados, que permite fazer afirmações que alguns argumentam como sem sentido científico ou subjectivas, no caso de não poderem ser testadas, ou por outro lado, outros argumentam que podem ser consideradas com valor heurístico e crédito científico, objectivas, se acaso estiverem sujeitas aos testes mais rigorosos, assim como à exigência de certa objectividade e operacionismo.

Porque as especulações, tal como foram feitas, tal como são habitualmente feitas, tendem a obscurecer a investigação científica, o fazer psicologia científica ou comportamentalismo escolhe para si restringir as afirmações e as estratégias de concepção e de tratamento a compor-

tamentos susceptíveis de serem definidos e medidos, limitando as suas próprias especulações a dimensões cientificamente testáveis.

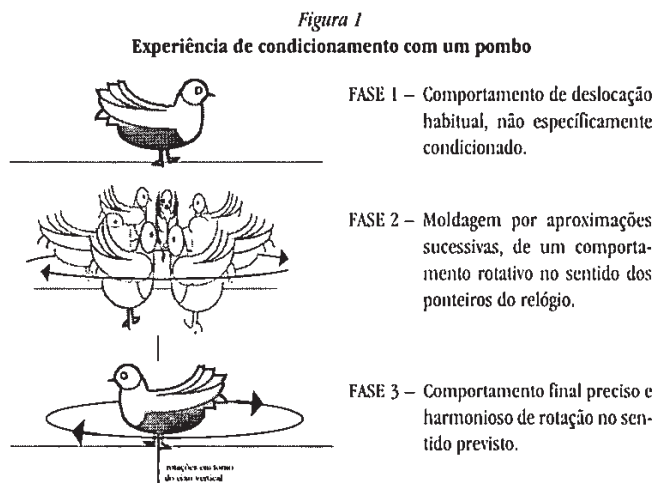
O pressuposto do interesse de se ser parsimonioso é muito difícil, uma vez que o real pode ter diferentes abordagens e estar ele próprio, numa primeira fase ou tentativa de compreensão, mais susceptível de ser entendido através de alguma especulação; no entanto, para que se avance com uma menor probabilidade de erro, a ciência deve falar uma linguagem que permita que as suas hipóteses possam ser testadas por outros profissionais, dando à afirmação inicial, à explicação e entendimento sobre certa ocorrência, um poder de aproximação ao real quasi sempre, senão sempre, generalizável e útil. *Os comportamentos, definidos operacionalmente, são na psicologia científica, ou no comportamentalismo, os dados últimos da investigação.* De modo a que os acontecimentos externos e internos possam ser estudados e passem à necessária categoria de objectos, devem antes ser definidos como comportamentos e sujeitos à observação e medida. A inferência ou o desvio, a partir do comportamento observado e dirigido para uma qualquer outra assumpção de entidades ou fenómenos, é clara e abertamente desencorajado.

Ver diferente do acontecimento do real e fazer uma arquitectura, às vezes fantástica, a partir dessa diferença, pode ajudar a ter formas de compreensão sobre esse mesmo real, mas não são aquelas que melhor predizem os fenómenos que é suposto entenderem, e muito menos o podem controlar melhor. Este salto desde o que o organismo faz, para aquilo que ele tem, ou a “paralaxe” que acontece quando se especula o que aparentemente a pessoa “tem”, devido à “posição intelectual” do teórico ou clínico, foi o que aconteceu no caso citado; o comportamento de apêgo e uso excessivo haviam sido aprendidos especificamente, devido ao uso intencional e experimental de determinantes antecedentes e consequentes do seu comportamento, no caso através de “reforços de troca” ou tokeus.

São estes diferentes “surdos de analisar o real” que devem ser separados e, de entre eles, a comunicação especulativa do tipo da paralaxe, terá certamente menos probabilidade de ser útil para os fins a que a psicologia científica se propõe.

Uma argumentação susceptível de interessar os leitores quanto à diferença entre estes dois tipos de de linguagens descritivas dos fenómenos observados, subjectiva versus objectiva, pode ser sugerido a partir de um clássico exemplo referido por Skinner (1963):

Numa experiência apenas com o fim de demonstrar as interpretações orientadas mais para um ou outro dos polos referidos, um pombo com fome foi condicionado a rodar sobre si mesmo: *Foi moldado propositadamente um padrão de comportamento final muito preciso e harmonioso, no sentido dos ponteiros do relógio, conseguido através do reforço primário a comportamentos de aproximações sucessivas. Uma imagem permite perceber em fuses sucessivas a evolução das mudanças comportamentais:*



Aos estudantes que puderam observar a demonstração, foi-lhes pedido que escrevessem um resumo sobre o que tinham visto. As respostas incluíram, regra geral, o seguinte:

- 1) O organismo foi condicionado para *esperar* o reforço por cada comportamento correcto;
- 2) O pombo andou de um lado para outro *na esperança* que alguma coisa trouxesse a comida de volta outra vez;
- 3) O pombo *verificou* que certo comportamento parecia produzir um certo resultado;
- 4) O pombo *sentiu* que lhe seria dada comida devido às suas acções;
- 5) O pássaro acabou por *associar* a sua acção com o “click” do mecanismo de fornecimento da comida.

É interessante verificar que, do processo de condicionamento propriamente dito, de todo um conjunto de acontecimentos determinantes externos que progressivamente estiveram presentes, e da relação específica entre eles, elementos estes que viriam a dar forma ao comportamento final do pombo, ou seja, a rotação no sentido dos ponteiros do relógio, *nada de específico* é referido; ao contrário, com facilidade e generalizadamente, as pessoas inquiridas conceberam e situaram as suas concepções, tais como *expectativas, desejos, sentimentos, operações cobertas pressupostas*, exclusivamente corporizadas no organismo pombo.

Os *factos observados* poderiam ter sido, respectivamente referidos, como se seguem:

- 1) O organismo foi reforçado *quando* o comportamento era de certo tipo;
- 2) O pombo deambulou *até* acontecer de novo o aparecimento de comida;
- 3) Um certo comportamento *produziu* um certo efeito;
- 4) Foi dada comida ao pombo *quando* ele se comportou de certo modo;

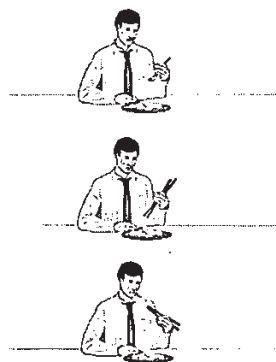
Paralaxe, ou quando o real...

- 5) O barulho do mecanismo de dispensar a comida *esteve temporariamente relacionado* com a acção do pássaro.

Poder-se-ia, para descrever os mesmos fenómenos observados, estabelecer uma relação directa entre factos observáveis; suas os acontecimentos referidos pelas pessoas tais como *esperar, estar esperançado, verificar, sentir, associar*, foram referidos, não por terem sido observados, mas por via de analogias relativas aos próprios comportamentos dos observadores tendo em conta a sua história pessoal; estas pessoas inquiridas descreveram o que elas próprias pensavam que se estava a passar, o que sentiam elas próprias, o que expectavam sob situações semelhantes àquelas em que o pombão estava, ...mas muito pouco, especificamente sobre a tal relação funcional entre elementos presentes. Como último FACTO, restou apenas a evidência que certos *comportamentos manifestos* da ave, aconteceram *em função* de um conjunto de *condições ambientais de relação* temporal.

Veja-se um exemplo, idêntico nos parâmetros que o definem e nos aspectos que se pretendem salientar, mas desta feita, diferente quanto ao organismo em questão, o homem. *Imagine-se uma experiência comum de troca comunicacional verbal e não-verbal, vivida em certo momento entre o Sr. A e a esposa, de proveniência oriental; o senhor A estava na sua hora da refeição do almoço, com fome e acedeu (ser condicionado) a fazer movimentos de motricidade fina uni-laterais com dois pequenos pauzinhos, que lhe permitem agarrar alguma da comida e arroz do prato, orientando-o finalmente para a boca: Foi moldado um padrão de comportamento final muito preciso e harmonioso, conseguido através do reforço primário e social a comportamentos de aproximações sucessivas.*

Figura 2
Condicionamento com uma pessoa



FASE 1 – Comportamento de preensão e utilização do garfo e faca, anteriormente condicionados.

FASE 2 – Moldagem por aproximações sucessivas de um comportamento de motricidade fina, unilateral, com o auxílio de dois estiletes.

FASE 3 – Comportamento final preciso e harmonioso de utilização dos estiletes para levar a comida do prato à boca.

As pessoas que pudessem observar estas alterações comportamentais, estes factos, poderiam com facilidade incluir respostas do tipo:

- 1) Esta pessoa passou a *saber* fazer os comportamentos correctos, por ter sido ensinada;
- 2) A pessoa conseguiu fazer os movimentos *na expectativa* de que pudesse acompanhar a sua esposa às refeições ;
- 3) A pessoa *percebeu* que certos movimentos, para aquele fim, acabavam por ser mais adequados do que outros;
- 4) O senhor *gostava* de aprender a comer desta maneira;
- 5) O homem *quis corresponder* aos interesses e hábitos de comer da esposa.

Os *factos observados* poderiam também aqui ter sido, respectivamente referidos, como se seguem:

- 1) A pessoa foi reforçada *quando* os comportamentos eram de certo tipo; orientada verbalmente (punida) e até corrigida directamente (moldada), quando eram de outro tipo;
- 2) A pessoa fez movimentos diferentes *até* acontecer de novo o transporte da comida nos estiletes, tendo o apoio e/ou a aprovação da esposa;
- 3) A pessoa fez certos comportamentos que *produziram* um certo efeito;
- 4) Foi conseguido manter a comida nos estiletes e obtida aprovação por o fazer, *quando* ele se comportou de certo modo;
- 5) Os comportamentos de aprovação da esposa do senhor e a obtenção de comida, *estiveram temporalmente relacionados* com a execução de comportamentos específicos.

A diferenciação entre os factos apresentados objectivamente e aqueles que podem ser subjectivamente referidos, *é uma das questões maiores* em psicologia, e para alguns, é mesmo fundamental. Dela resulta toda a possível explicação dos objectos de estudo desta ciência, sejam os comportamentos adaptativos (ou não) do homem no seu desejo intrínseco de “ser pessoa”, sejam os dos animais, e isto quer em termos desenvolvimentais, quer comportamentais (cobertos e abertos) e afectivos.

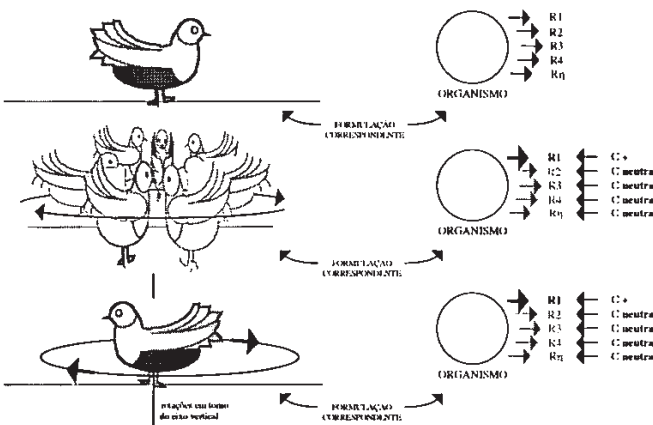
Nas descrições mais objectivas são referidos dados o mais absolutamente possível despidos de “ramificações” semânticas, sendo constantemente feita uma tentativa de evitar interpretações, inferências, ou assumpções. Ao contrário, as descrições subjectivas são pródigas em elementos interpretativos, de adorno, metafóricos, sendo que muitos dos aspectos comportamentais a que pretendem fazer referência, são subjugados e autonomizados acabando por ter um estatuto que provém mais do próprio observador e menos do objecto de observação.

As situações antes referidas, que não se esgotaram na riqueza dos acontecimentos descritos, poderiam elas, na sua forma mais objectiva ser, naturalmente e agora sim, formulados em termos metafóricos, formulação esta que resulta então de uma compreensão anterior, mas agora melhor

operacionalizada, melhor sujeita à experimentação e por isso, à experimentação.

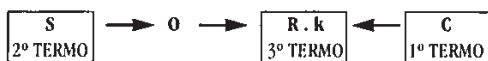
Veja-se de seguida e novamente a experiência com o pombo.

Figura 3
Formulação do processo de condicionamento



Aí, na figura inicial, o pombo é formulado por um círculo que representa o organismo, e os seus habituais comportamentos de deambulação, são formulados através de diversas setas identificáveis com a designação de **R1**, **R2**, etc., até **R**; na segunda fase, acontecem as consequências positivas (C+) a um certo comportamento **R1** e as consequências neutras (nem positivas, nem negativas) aos restantes comportamentos, e isto durante um certo conjunto de operações; tem-se que, se este processo é mantido durante certo tempo, vai-se estabelecendo o fortalecimento de **R1**, mantendo-se os restantes comportamentos sem alterações significativas.

Esta será uma visão ilustrativa apesar de simples, que se aproxima das teses da psicologia científica. Este processo de aquisição de comportamentos referido neste caso, mas podendo dizer respeito, ou à manutenção ou à diminuição de quaisquer outros comportamentos, incluindo-se um vasto leque de comportamentos emocionais, está desde há décadas descrito na proposta genial de Skinner com a unidade de análise dos três termos:



Antes da publicação da obra *The Behavior of Organisms*, para além das psicologias que assentam em epistemologias mais dificilmente compatíveis com uma perspectiva científica, muito da psicologia era concebida fundamentalmente em análises de dois termos, estímulo e resposta: S-R. Com o contributo de Skinner, passou a ser evidente que o 1º termo, os estímulos determinantes consequentes têm a função

de probabilizar os comportamentos e, por isso, de os seleccionar (Skinner, 1981); passou a ser evidente que o 2º termo, os estímulos antecedentes, deveriam ser vistos como estímulos discriminativos que estabelecem as condições para que os comportamentos ocorram, sem contudo os elicitar; sendo dito de outro modo, são *contextos* para a relação "comportamento-consequências"; ainda, o 3º termo, evidencia-se que as respostas comportamentais em si mesmas poderiam passar a ser vistas como instâncias de um agrupamento de comportamentos operantes e não reflexos. Essas respostas estariam funcionalmente definidas em relação aos seus antecedentes e consequentes, tal como esses antecedentes e consequentes estariam funcionalmente definidos em relação às respostas comportamentais.

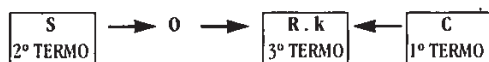
Como *unidade de análise*, as contingências de três termos compreendem relações funcionais co-definidas entre estímulos e respostas (Reese, 1986), e não deixam de conter apenas e ainda, dois grupos de variáveis intervenientes das quais as respostas são função: Estímulos antecedentes e consequentes (Sa e Sc). Esta unidade de análise viria a ser reformulada posteriormente, com a introdução de um conjunto de outras variáveis a que Skinner se referiu como "3ªs variáveis" (Skinner, 1931, p.452), ou sejam, as variáveis que definem condições que mudam as relações entre estímulos e respostas. Ao fazê-lo, abria um horizonte incomensurável a que outros tinham tentado chegar décadas antes utilizando modos "instrumentais" bem mais subjectivos e metafóricos; mas aprofundava uma constatação absolutamente essencial: As respostas e as estimulações a elas ligadas, não têm funções inerentes ou imutáveis. As funções dessas respostas dependem, isso sim, dos seus contextos; ou seja, todas as causas têm contextos.

Foi esta a espécie de neo-comportamentalismo de onde emergiria a psicologia cognitiva, alicerçada desde tempos já tão distantes, como é evidente o comentário de Skinner (1969) sobre Tolman: *Tolman coloca as "terceiras" variáveis dentro do organismo, onde elas "interviriam" entre os estímulos e as respostas...As suas variáveis intervenientes rapidamente assumiram a função de processos mentais (tal como estariam na sua essência concebidas para o fazer), e não é de surpreender que elas tenham sido gostosamente utilizadas pelos psicólogos cognitivistas.* (p. 28).

O contexto contudo, não existe entre os Estímulos e as Respostas, mas, diferentemente, os Estímulos e as Respostas existem dentro dele, o contexto.

Renovada nesta sua mais completa dimensão, a fórmula dos *três termos* dentro da psicologia científica, passaria a ser necessária e obrigatória para conceber parte da variabilidade comportamental dos seres humanos e outros, isto a partir do entrelaçamento de uma miríade de elementos que não poderiam mais ser referidos na generalidade mas, ao contrário, objectivados na sua especialidade; assumia a formulação seguinte:

Paralaxe, ou quando o real...



Aquilo a que o que o "O" dizia e diz respeito em muitas das psicologias contemporâneas (processos e estruturas cognitivas, motivacionais hipotéticas) é, na actual psicologia científica, tomado em consideração como sendo "contextos" ou "3ª intermediária, variáveis". Devido à função muitos acontecimentos inferidos ou contextos internos, onde a psicologia desde sempre tem vagueado, são designados variáveis mediacionais; variáveis inferidas como pensamentos, sentimentos, memórias, etc., encontram um cuidado intenso de serem o melhor possível operacionalizadas por parte das psicologias científicas. Aí o trabalho científico tenta reduzir a subjectividade nas observações a que se propõe, apesar de considerar à partida que a objectividade absoluta é utópica. De modo a que as observações científicas possam ser o mais objectivas possíveis, mesmo em questões tão complexas como o amor, o sentido da vida, a estética enquanto valor, a moral, etc., etc., elas devem estar o mais possível também libertas de inferências e interpretações arbitrárias, ou seja, despegadas de construtos hipotéticos que propõem a existência de processos ou objectos físicos para relacionar acontecimentos antecedentes e consequentes. Algumas inferências poderão até ser demasiado úteis, mas não poderão deixar de estar ligadas aos dados observados; impõe-se por isso como procedimento sistemático, a operacionalização daquilo que algumas formas de entendimento dizem "ver" ou "conhecer". Por definição, *operacionalizar* é o acto de tornar objectivos conceitos científicos, equacionando-os com operações usadas na sua medição. Quaisquer que sejam os conceitos operacionalizados, eles estão definidos de tal modo que se devem conhecer os procedimentos necessários para os observar. Se os cientistas do comportamento, os investigadores, não produzirem este tipo de cuidados e de afirmações, serão eles próprios, nas suas afirmações menos credíveis ou mais subjectivos, e não as matérias a que se atém; ser mais subjectivo ou menos credível não é porém pejorativo; mas indica já uma orientação que não poder ser facilmente enquadrada nos modelos da ciência contemporânea; nessa medida, introduz uma muito maior probabilidade de não redução de subjectividades ou, uma maior probabilidade de erros.

Desde sempre tem existido o desejo profundo de tornar inteligíveis os raciocínios que sustentam a explicação dos comportamentos; para alguns, estudiosos de grande dedicação, tais raciocínios são evocados a partir de crenças com a noção fundamental de que a fenomenologia da pessoa e o seu subsequente domínio, têm de estar sob o controlo sistemas, estruturas subjacentes, esquemas motores ou mentais, entidades ou modelos com certo isomorfismo com "aquilo" que se poderá passar no real, mas que se está a passar certamente no domínio das crenças desses mentores; esta progressão fascinante de conhecimentos, e sobretudo sugestiva de um poder de compreensão que todos aplaudi-

mos, este avanço contínuo próprio do homem, para outros está ainda hoje vestido com um enorme e grandioso guarda-roupa, ...quase sempre com estilizações de "moda". Há mesmo muito "objecto" ou "rei que vai nu", ... ainda!!

O título deste artigo sugere que em psicologia o real se pode facilmente tornar "mente". Definir o que é o real, ou parte dele, e o que é mente, ou melhor as relações entre o real e aquilo que consideramos como essencial para o entendermos nas suas relações com o que se designa de *mente*, obrigou nos últimos decénios a psicologia a questionar-se a si própria, reorientando-se para limiares que só agora, desde à cerca de cinquenta anos começam a despertar; num período tão curto desde os anos trinta até aos meados do século, aqueles que se reclamam estar em consonância com as teses neo-comportamentais, estabeleceram ainda mais dois marcos importantes, para além das contingências de três termos: O primeiro e a partir da obra de Skinner (1931), é o objectivo das ciências psicológicas do comportamento como o da predição e controlo do mesmo; o outro, o da introdução do comportamentalismo radical como a filosofia adequada para uma evolução útil desta ciência. As contribuições trazidas pela análise do comportamento humano têm sido revistas e desmontadas em três grandes sectores como a *análise experimental do comportamento* para a investigação básica (Skinner, 1966a), a *análise comportamental aplicada* fundamentalmente com fins interventivos em ternos clínicos e comunitários (Baer, Wolf, & Risley, 1968) e a *análise conceptual do comportamento*, cujo objectivo central é o de investigar numa perspectiva filosófica, teórica e histórica (Day, 1980).

Com o desenvolvimento da análise comportamental como disciplina e sistema científico de conhecer o ser humano (e não só), conseguimos compreender melhor a natureza e complexidade dos comportamentos, bem como a natureza, filosofia e complexidade da nossa ciência básica. Apesar de se estarem desenvolvendo abertamente estes três ramos, eles não estão ainda, dentro da psicologia, suficientemente coesos, e terão de ser mantidos esforços adicionais para acalarar e tornar visível muito do que é ainda desvirtuado e incompreendido nestas áreas.

A psicologia científica de epistemologia comportamental, tem como fundamento e alicerce intrínseco às suas teses, uma abordagem científica do conhecimento; em si mesma e como se disse antes, esse fundamento pode ser descrito como uma procura das relações de ordem entre os fenómenos, despidos ou o mais despidos possíveis, de conjecturas externas a esses mesmos acontecimentos, para evitar maiores erros de aproximação ao real. A psicologia como ciência do comportamento será sempre uma relativa aproximação ao real; mas ela nega os determinismos baseados em construtos hipotetizados que não podem ser operacionalizados e testados e, como *sistema de conhecimento*, progride por se repensar continuamente a si própria, retestando-se *ad infinitum*. Os seus factos são apenas tentativas num dado momento de

compreender; para ser credível, no sentido de aproximar-se ao real com o menor número de erros possíveis, obriga-se a usar os critérios da investigação científica. Obriga-se a fazer menos erros de paralaxe.

Tudo o que o ser humano faz de si brotar e dele emana; tudo o que para ele faz convergir, traduz essa essência mais poderosa da sua existência, esse desejo mais básico e fundamental, incomensuravelmente poderoso, e contra o qual nada poderemos lutar: O de ser pessoa! O comportamentalismo como ciência da psicologia, vai conseguindo cada vez mais e melhor compreender, explicar e ajudar em ser nessa grandiosa epopeia, mas mesmo assim, deve ser reconhecido e reconhecer-se como falível e não deve ser vista e ver-se como intrinsecamente superior a qualquer outra forma de conhecimento; é certamente aquela que tem a seu favor, um mais cuidadoso controlo do erro nas suas afirmações.

O “erro de paralaxe” só deve poder continuar a existir tão abertamente na ciência da psicologia, se mais convenientemente controlado; senão, o real tornar-se-à cada vez mais, mente.

Referências Bibliográficas

- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis, 1*, pp. 91-97.
- Day, W. F. (1980). The historical antecedents of contemporary behaviorism. In R. W. Reiber & K. Salzinger (Eds.), *Psychology: Theoretical-historical perspectives* (pp. 203-262). New York: Academic Press.
- Haughton, E., & Ayllon, T. (1965). Production and elimination of symptomatic behavior. In L. P. Ullmann & L. Krasner (Eds.), *Case studies in behavior modification*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Reese, E. P. (1986). Learning about teaching from teaching and learning: Presenting behavior analysis in an introductory course. In W. P. Makosky (Ed.), *The G. Stanley Hall lecture series* (Vol. 6, pp. 69-127). Washington, DC: American Psychological Association.
- Skinner, B. F. (1931). The concept of the reflex in the description of behavior. *Journal of General Psychology, 5*, pp. 427-458.
- Skinner, B. F. (1963). Behaviorism at fifty. *Science, 140*, pp. 951-958.
- Skinner, B. F. (1966a). What is the experimental analysis of behavior? *Journal of Experimental Analysis of Behavior, 9*, pp. 213-218.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science, 213*, pp. 501-504.